

A REVOLUÇÃO *dos* COLIBRIS



Renata Bomfim

A REVOLUÇÃO
dos COLIBRIS

Renata Bomfim

Copyright 2025 INTSITUTO AMBIENTAL RELUZ / RENATA BOMFIM

Revisão

RENATA BOMFIM

Projeto gráfico e Editoração

DOUGLAS RAMALHO

Capa

ALINE DE OLIVEIRA JORGE

Bordado Capa

RENATA BOMFIM

Impressão

MAR PRODUÇÕES GRÁFICAS

www.lettraefel.blogspot.com

www.ambientalreluz.com.br

Dados Internacionais de Catalogação–na–Publicação (CIP)

B695r Bomfim, Renata
 A revolução dos colibris / Renata Bomfim.-
Vitória, ES : Formar,
 2025.
 110p. ; 110x17,5cm cm.

ISBN: 978-85-9586206-7

1.Literatura brasileira - Poesia. I.Título.

CDD B869.152

Aos povos originários, quilombolas
e comunidades tradicionais,
pela luta e resistência.

Ao Reluz, profissão de fé.

SUMÁRIO

Abra este livro com carinho, leitor.	7
No princípio, o antes, o todo	13
Primeiro mosaico	15
Cataclísma telúrico	18
Vida manifestada	20
O ovo	21
Introito	23
O nascimento do amor	25
Coexistência e embate	26
Palavras regenerativas	28
O mundo dos deuses	30
Unidade e multiplicidade	31
Acontecimento	33
Manifesto	35
O amor precede a palavra	37
Origami	39
Sob a cidade jaz uma floresta	41
Máquina de guerra	43

Insanidade	45
Ares de revolução	47
Nascer de novo	49
Terreiro-mundo	51
Todos somos terra	54
É natural que as sepulturas se abram?	56
A resposta de calibã	57
Canção para Sandino	60
Nossa América	62
Plantado no silêncio	64
A serpente que dança	67
Ato poético	69
Apenas uma mulher	71
O reino dos clones	73
Memória e honra	75
Carbono-palavra	77
Quando chegaram	78
Ofícios	80

Banho de floresta	82
A vida é tênue e tenaz	84
Antes que partamos	86
Rasgar o céu	88
Escuro	90
Prece	92
Ser poeta	94
Poesia é ministério	95
A paz	97
A guerra não tem rosto de mulher	98
O beijo	101
Renata Bomfim e a Revolução dos Colibris	103
Cosmogonias e constelações na poética de Renata Bomfim	107

ABRA ESTE LIVRO
COM CARINHO, LEITOR.

Abra este livro com carinho, leitor. Você encontrará um mundo que jamais sonhou. Feito, no entanto, com aquilo que todos conhecemos. É a força imaginativa da autora que nos conduz por páginas e páginas de assombros. Por suas palavras-guias somos levados a transitar por infernos-purgatórios-paraísos. Lugares bem diferentes do que nos mostra Dante. Aqui a jornada é feita pela Terra com seus predicados naturais – os minerais diversos, as plantas nossas irmãs, a bicharada toda. Assistimos ao nascimento e desenvolvimento dos seres feitos de húmus... os humanos, nós. Um universo criado a partir de vivências au-

tênticas de quem sofreu e poetou. De quem poetou e sofreu. Procede a analogia com a *Divina Comédia* – infernais destruições infringidas à Mãe Gaia; purgações de antigos males sociais; paradisiacos êxtases pelos cheiros dos matos, pelos voos dos colibris, pelas florestas recuperadas. A felicidade se encontra no futuro, que poderemos criar com o que nos foi legado. Cabe a nós decidirmos o que fazer.

A autora indica com firmeza – é tempo de lutar. Tempo de muitas lutas. Os povos originários não desapareceram; ao contrário, exigem sua presença no agora e cobram de nós um amanhã que seja melhor para todos. As populações do Novo Continente não devem viver isoladas em seus países, mas se reconhecerem como da mesma família. O tempo é de lutar. Os descendentes dos africanos escravizados emergem de longa opressão para cobrar o que lhes é devido, e também construir o porvir. Não cessam as batalhas das mulheres, dos oprimidos que descendem de várias etnias para viverem com dignidade uma existência fecunda e livre. Renata Bomfim é uma poeta-guerreira e optou pelo lado correto

da História e da Vida. Porque seus combates são realizados a favor das matas, dos rios, dos animais, dos homens e mulheres despossuídos. As armas que utiliza são o amor, a sensibilidade, o conhecimento literário e, sobretudo, o desejo que Natureza e Homem coexistam em harmonia. Por isso que você, leitor, deve ler esta obra também com esperança. Nela você encontrará o que já conhece – águas, árvores, pássaros, pessoas –, mas celebrados de modo inovador e poético. Bom percurso nesta floresta encantada.

Fernando Achiamé

“Nós somos o começo, o meio e o começo”.
(Mestre Antônio Bispo dos Santos)

“Ama-me. Ainda é tempo. Interroga-me.
E eu te direi que nosso tempo é agora”.
(Hilda Hilst)

NO PRINCÍPIO, O ANTES,
O TODO

*E quem somos?
Terá o Universo uma alma?
Seríamos nós essa alma?
(Ernesto Cardenal)*

No princípio existia o Antes,
Grande Nada emaranhado
Nos fios do vir a ser,
Orquestrando ventos
E faíscas de fogo.
No princípio, sombras densas e ciliadas
Faziam a luz potente e forte.
A desordem era a Lei.
Força misteriosa transformou em organismos
Tudo o que era viscoso e quente.
O Todo estava concentrado, amalgamado,

À espera.
Incerteza e indeterminação
Moviam o caos para formar diversidade.
Tudo era como deveria ser,
Perfeitamente indizível.
Não havia homens, deuses,
E nem histórias para contar.
Embrionário, o universo-verbo era tecido
No útero silencioso desse todo palpável.
Células cósmicas surgiram,
Contraditórias e complementares.
Múltiplas forças se chocaram.
Dessa colisão nasceram
As estrelas.
A Luz produziu cores indecifráveis.
As trevas, indecifráveis sentidos:
Harmonia ruidosa.
Foi no despertar das estrelas,
Que um planeta nasceu,
Pequenino,
Revelado como se saído de um sonho.
Nesse dia, o azul se tornou a cor
imaginada.

PRIMEIRO MOSAICO

*“E mover-se em meio
a milhões e milhões de formas raras,
secretas, duras. Eis aí meu canto”.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Uma luminosidade singular
Brilhou na bifurcação do tempo.
Eram tantos sóis nascendo
Reluzentes,
Meus olhos se calaram.
A perfeição exigia silêncio.
Ouvia-se OM.
Nesse período nada era seguro.
Raios, frequências de pulsação,
O pequeno planeta revelado
Flutuava à luz do vir a ser,
Pulsação,

Fruto de um grande desejo,
Primeiro mosaico: GAIA.
Explosões.
O sol, satélite-amante, aqueceu afetos impen-
sáveis,
Comoveu poeira e pequenas pedras.
Prótons, elétrons e quarks,
Em fusão nuclear,
Desafiaram tudo que era dispersão.
Dança,
— Bailado inaugural.
O Sistema mostrou a sua força.
Gaia gestou a si mesma:
Núcleo, manto, magma pastoso
e quente, crosta.
Calor, erupções, tremores.
Penetrada por raios solares,
Experimentou a fluidez.
Um gozo torrencial inundou,
Construiu-destruiu,
Criou vida, obedecendo
A Lei da Transformação.
Bilhões de anos,
Após longa inspiração,
Gaia expirou os continentes.

Hálito sedoso, perfumado
de enxofre, metano, hidrogênio.
Surgiram os elevados,
— Cadeias de montanhas,
Depois, ilhas, vales, rios, oceanos.
O azul realizado, tornou-se cor primária.
A paleta crescia em velocidade vertiginosa,
O tempo parou para ver.
Uma linha invisível unia tudo,
— Horizonte,
União delirante entre cima e baixo,
Era como se a distância rogasse
por aproximação,
E que opostos-complementares
Estivessem destinados a nunca se separar.
O movimento cósmico
Se alimenta de impulso.
Galáxias não permitem retrocesso,
Por isso os astros seguem juntos,
Errantes, certos de alcançar o infinito.
— Juntos e separados —,
Antinomia mediada por uma
Solidão singular.

CATACLÍSMO TELÚRICO

Periférica e à deriva,
Gaia seguiu bailando na gira,
Rotação- translação,
Poesia de desvelamento do sagrado.
Ao redor da grande luz,
Envolta em matéria escura,
Girou reivindicando o seu espaço
No momento e no eterno.
Tudo agora era potência,
Lampejo de dizeres.
A palavra, antes indiferenciada,
haveria de se revelar!
O incompreensível, — VIDA-VERBO —,
Se conjugará em matéria
Para formar as criaturas.
— *Opus variegatum.*
Os encontros foram aleatórios.

Como explicar o surgimento
Dos corpos e das almas das coisas?
O tempo sabia.
Ainda impronunciáveis, as palavras
Criaram um campo de possibilidades:
“ECOSSISTEMA”.
Seria arte do acaso esse acúmulo de improváveis?
Organização-desorganização,
Cataclismo telúrico: DIVERSIDADE.

VIDA MANIFESTADA

Vida manifestada: TERRA.

Invertebrados dançam,

Verbos meninos e meninas
brincam de conjugação.

Um cataclismo,

Dois asteroides,

— *opus tessellatum*.

Gaia responde e alimenta os seres:

FOTOSSÍNTESE!

O todo-orgânico respira.

Os galhos da grande árvore da vida
revelam novos ramos.

INTERDEPENDÊNCIA, eis a nova Lei.

A Biosfera se transforma na GRANDE VER-
DADE

Laços inegáveis e instrutivos do que era
E do que virá a ser.

Terra,

PLACENTA DA HUMANIDADE!

O OVO

O transbordamento das águas
Sobre os solos,
Fertilizou as margens dos rios
fazendo brotar os grãos.
Eis que surge um ovo.
Na tessitura da imaginação crescente,
As mentes inundadas comunicaram a novidade.
A gleba viva e pulsante assistiu o
Primeiro hominídeo pôr-se de pé.
Maravilhado com as mãos livres,
O ser de húmus passou a experimentar
A delícia das texturas.
Viu e quebrou o ovo.
Dentro dele, o vazio.
O ovo estava preenchido pelo Nada, mas,
Dormitava nesse espaço, a semente da dissensão.
Pela primeira vez o ser de húmus se sentiu
ÚNICO E SÓ.
Por vezes o rancor se manifestava,
Ressentia-se de ter perdido a condição original.

O vazio era silencioso e as verdades
Precisavam ser inventadas.
Primeira (in)verdade, a força.
O ser de húmus caça, depois,
produz instrumentos,
Domestica animais, cria rituais.
Constrói abrigos,
torna-se senhor do fogo.
Corpo, mente, cérebro, psique,
Produzem (proto)linguagem.
Os afetos se (trans)formam.
Esse novíssimo ser autogestado,
— SAPIENS —,
Passa da cultura à humanidade,
Mas, CONTINUA ANIMAL.
O status primal de sua identidade é
TERRESTRE E PERENE.
As vezes o coração recupera
A alegria perdida.
O ser de húmus guarda
Parentesco com as estrelas.
Átomos de carbono, forjados
Na fúria interior de sóis ancestrais
Pulsam dentro dele.
O imemorial ecoa
No seu íntimo.

INTROITO

A palavra,
Organizada na orquestração de existências múltiplas
Fez do homem o seu templo.

O ser de húmus estendeu os braços
sobre o mundo.

A migração tornou-se a Lei.

Desenvolveu a fala,
Sofisticou ferramentas,
Elaborou múltiplas crenças,
ampliou e diversificou a sua identidade
Emancipando-se pela ARTE.

Seus olhos se impregnaram
De AZUL-TURQUEZA-RELUZENTE.
Lançou mãos do preto, vermelho, laranja,
marrom,

Registrou na pedra símbolos do seu viver,
Caracteres do seu almejar.
As cavernas se tornaram lugares de contemplação.
Braços ao alto, dançou com o vento,
Sentiu prazer.
Era como se acendesse, dentro de si, uma luz.

A beleza, de repente, tornou-se VERBO.

Mas, o ser afrontoso e magoado
Buscou a posse do mundo:
 Embriagou-se com a força do pensar,
 Entregou-se a doçura viciante do dizer,
 Despertou o gosto pelo acumular.

Nomeou tudo o que via e, assim, imaginou-se dono
de terras, aves, pastos, gados, ferramentas.
Mas, por mais que possuísse, algo lhe faltava.

O NASCIMENTO DO AMOR

Viu uma flor.
Era como se o olhar fosse carícia.
Nomeou-a e partiu.
Entre iguais, enxergou o diferente.
Outro ser de húmus trouxe à lembrança
A flor.

O prado tornou-se colorido e perfumado.
Foi possuído por um sentimento desconhecido,
— Vibração —, sentiu a liberação de uma força,
Algo moveu o seu dentro.
Esse isso desconhecido lembrava
A explosão das estrelas.

Desde então,
Sentiu como se tudo fosse seu,
Mas que nada lhe pertencesse.

COEXISTÊNCIA E EMBATE

*“O homem, bicho terra tão pequeno,
Chateia-se na terra”
(Carlos Drummond de Andrade)*

Ramo último e desviante da árvore da vida,
O ser de húmus criou coisas espetaculares.
Ergueu impérios onde semelhantes
se desassemelharam:

Uns senhores, outros escravos.
A gleba, una e mesma, foi dividida.
Os territórios, antes abrigo e sustento,
Tornaram-se objetos de cobiça.

É incrível quanto pode o engano!
É incrível, por quanto tempo a mentira
Pode passar como verdade!
Fios invisíveis mantém tudo alinhavado

No todo da biosfera, TERRA, — Corpo de Gaia.
A terra mantém seus filhos e filhas.
As tecelãs dessa vida manifestada são as bactérias.
Força ancestral, sem nome, faz
Os fios se juntarem, criam um tecido
Social e afetivo, manto vivo,
A vida comum se torna
COMPLEXIDADE.
Armados com a palavra guerra,
Muitos homens foram à conquista,
Em busca de posses, poder, glória.
Lançaram-se sobre Terras e Mares.
Já não lhes bastava o viver.
Dominaram, exploraram, subjugaram o seu
(DE)SEMELHANTE.
Eram movidos pelo medo,
Da finitude e da morte.

PALAVRAS REGENERATIVAS

Os outros filhos de Gaia,
Também de húmus feitos,
Escolheram viver sob o manto da floresta.
Escolheram conFIAR que os sons,
As cores, os cantos das aves e as palavras,
tinham força curativa,
Não tinham medo da doença,
Sabiam que dentro do ser germinava
Uma força luminescente e potente.

Ervas, rezas, pragas, poções,
como combater o não-dizer?

Deixou-se encantar pelas plantas,
Cultivou hortas, roçados,
Foi cultivado pela alegria dos botões,
Aninhou as sementes.
Suas plantações

Atraíram borboletas, abelhas,
beija-flores.

Os seres minúsculos
pousavam nas palavras e partiam,
polinizando mentes e espalhando vida.
O ser de húmus, pacificado
Pelo pertencimento à terra,
Conquistou saber sobre a regeneração.

Sustentado pelos fios da animalidade,
Vislumbrou sua humanidade.
Deixou de ser um pós-primata,
Tornando-se super primata.

Não voa como os pássaros,
Não nada como as baleias,
Não desafia o vento como os beija-flores,
Mas conquistou as chaves do firmamento
Pela imaginação, fabulando.
Suas palavras, razão e consciência são,
Agora, o seu novo chão.
É um sobrevivente.

O MUNDO DOS DEUSES

É perigoso relegar os deuses ao esquecimento,
Pois eles retornam rancorosos e vingativos.

O ser da cultura cria,
Transmite o conhecimento,
modifica o ambiente.
Para ele, Gaia se tornou matéria inerte,
Ele segue firme nas certezas.

Vive alheio ao fato de que,
Dentro dele existem lugares desconhecidos,
Um espaço íntimo
Onde os deuses transitam livremente.
Picos, fossos, luzes e sombras.

Do mundo dos deuses emanam
Todos os opostos.

UNIDADE E MULTIPLICIDADE

Toda espécie sexuada reproduz indivíduos diferentes.

A vida é exímia em criar combinações.

Homo-diverso-psicossocial-cultural e espiritual.

O livro da história registra

Que o fio invisível se rompeu quando

Cedeu à guerra.

Quando abandonou o princípio da convivência

E foi abandonado pela coerência.

A solidariedade esquecida tornou-se solidão.

Individualizado,

o ser de húmus perdeu-se dentro

de si e viu:

Grandezas, misérias,

Sonhos, esperanças,

coragem, falsidade e

Medo, muito medo.

Tornou-se contradição:

Homo sapiens-demens.

Centenas de bilhões de neurônios e
Bilhões de bilhões de interações sinápticas
Dão prova de uma nova complexidade.
A crise tornou-se a lei.
Vez ou outra o ser de húmus escuta
A voz do coração.

O imaginário, irruptivo, não perdoa,
Impõe escolha:
O amor ou a loucura.

ACONTECIMENTO

Dedicado a Pedro Sevylla de Juana.

Tíndaro esperava ampliar o seu reino,
Deitava a cabeça no travesseiro e dormia
contando a sua força de guerra.
Preferia o som da espada rompendo a carne
ao dos pássaros canoros.

Leda andava nua pelo palácio,
Banhava-se em leite e mel sonhando
com um jardim selvagem.

Tíndaro polia a armadura.

Um dia a noite chegou mais negra,
Cintilante e sedutora.
A noite é o tempo dos amantes.
Zeus passeava entre os humanos
buscando bocas, coxas, sexo.

A visão de Leda descansando sob as estrelas,
O cheiro e a textura da pele abandonada à
Sorte e ao desejo tornou-se encontro.
Leda gerou um ovo azul, estelar, brilhante e
anacarado.
Assim, como a vida insiste em nunca fenecer,
Rompeu-se a casca.
Depois desse acontecimento,
o mundo nunca mais foi o mesmo.
NASCEU O COLIBRI.

MANIFESTO

Nada mais escandalizante que a beleza.
Nada mais combatido que o amor.
Nada mais forte que a revolta, alimento das
revoluções.

O colibri miúdo e brilhante afronta a ordem
vigente,
incendeia espíritos insurretos:
faz a sua parte.

O homem se diz “civilizado”, mas esqueceu
do seu parentesco com os colibris.

Abaixo os métodos simplistas, insensatos e
brutais de produção.
É tempo de regeneração,
Do resgate das tecnologias do mundo natural.
É tempo de amores.

Voltemos a tomar conselhos com as árvores e
com homens e mulheres da floresta.

A terra flutua no grande nada, seu status é o
infinito, o eterno.

Nada acaba,

A transformação da matéria é a grande lei.

O ser humano vai redescobrir o seu lugar
a partir do exercício da imaginação,
vai compreender o sentido de comunidade,
se (re)inventar em conjunção com as estrelas.

Por uma estética que se manifeste em atos de
partilha sensível!

O jardim vencerá o cimento frio e grotesco,

Os seres, enfim, se irmanarão.

O AMOR PRECEDE A PALAVRA

Dedicado a Maria Lúcia Dal Farra.

Na Floreta
De onde venho,
Na montanha fria,
Árvores foram sementes
Adormecidas.
A mata resiste a urbanização.
No alto de mim mesma,
Topo da minha ignorância,
Vem uma vontade louca de gritar.
Amo a pequena formiga, a aranha,
O jacarandá menino me olha do alto
De seus setenta e cinco anos.
A árvore que abraça meus sonhos
Precisa do tempo e não de mim.
Eu luto para que ela tenha tempo,
Para que permaneça de pé.

Talvez seja essa a missão da minha vida,
Cuidar desse menino de casca grossa
Sensível como a asa de uma borboleta.
Busco que a poesia me transporte
Para além da dor e dos paradoxos.
A tapeçaria da vida é feita de fios diversos,
O amor se enraíza como a floresta
E cuida de nós, mesmo que não saibamos.
Regamos as árvores miúdas,
Elas segurarão o nosso chão
Para que a erosão não nos arraste.
Se não há amor, há ruínas,
O amor precede a palavra.
Durante muitas noites não amanheceu.
A escuridão do indizível calou os olhos.
O sonho era um desconhecido
Apostando na luz não revelada.
Espero o amanhecer,
ConFIO no tempo,
E na sabedoria do Jacarandá menino.
Necessito da terra, somente da terra,
Para plantar árvores, somente elas
Podem fazer chover esperança.

ORIGAMI

Para meninos e meninas.
a vida é mais que dor e medo.
Amo vocês! (R.B.)

Dobrar corpo e mente, — dançar.
Sem medo, com paciência,
Fazer nascer a forma
Onde antes havia rigidez e medo.

Flexível e firme,
Não temer a mudança,
Realçar o vinco.
Ensaiai estar inteiro
para não quebrar.
Resistir ao rasgo,
Aceitar a cola,
Se remendar é bonito, é arte!
Acalentar a paciência,

Mesmo com mãos nem sempre delicadas.
O papel-corpo tem a sua força,
Possui beleza a sua plasticidade.
A imagem que dormita no plano
Da matéria vem à luz.
Eis o encanto:
ORIGAMI.

SOB A CIDADE JAZ
UMA FLORESTA

sob a cidade jaz uma floresta.
sob o asfalto, cinza e silencioso,
ouço ignorados veios d'água.
as árvores nas calçadas,
em frente as casas, incomodam.
hoje, por defendê-las,
sou acusada de ser quem sou.

Vejo e falo com seres invisíveis.
Estão aqui comigo,
fantasmas que alegram a minha ceia.
Eles chegam pelo labirinto do sonho,
Pedem que eu diga que
existem tantos planos de vida
quanto há estrelas no céu.
o jardim não se cansa de lutar
pelo resgate do território,

quer produzir o inefável.
flores, pássaros e insetos formam
uma guerrilha urbana,
a luta acontece em planos imperceptíveis.

O jardim abriga espíritos
capazes de curar olhos obscurecidos
pela ganância.

O ser ávido por poder e glória não sabe,
mas será esquecido,
se tornará pó.
A cidade esqueceu que a terra
emana energias sutis.

As raízes tramam, em conluio,
buscando fazer ceder as estruturas mais rígidas.
Atenta que o império, a qualquer momento,
pode ruir, sob as forças desses agentes subter-
râneos.

Mudanças acontecerão com a chegada da nova
estação.
A lei do futuro será a FLUIDEZ.

MÁQUINA DE GUERRA

Dedicado aos seres do Reluz.

pequenino.
petulante.
quixotesco.
brilhante.
insurgente.
num átimo ele cruza a floresta.
não foge à luta.

plural.
adaptativo.
nenhum ecossistema
lhe é estranho.
cria furacões
com o bater das asas.
coleta néctar na intimidade
das flores.

conhecedor dos mistérios da polinização,
voa em qualquer direção à velocidade da luz.
possui poderosos músculos.
seu coração frenético,
desafia o tempo.

quem diria,
o um pequeno colibri
é uma máquina de guerra!

INSANIDADE

*“o fogo da consciência, fogo frio,
fogo duro, fogo resistente,
substância de silêncios, tênue”
(Carlos Nejar)*

Gritam, os insanos,
— ataquem o jardim!
— eliminem esses seres
com suas cores extravagantes e
perfumes invasivos.
— Eliminem rosas vermelho-ultrajantes,
pisoteiem margaridas revolucionárias,
marchem sobre os cravos de abril.
livrem-se do *agapanthus africanus*.
Cuidem que atrás deles virão abelhas, borboletas,
Libélulas, pássaros mil.
— Mirem no pólen, potentes em mesclagens
e transigências.

Destruam o vetiver verde- luz,
— Pisoteiem a grama esmeralda.
— Calem o amor-perfeito,
reprimam camélias e gardêneas inúteis.

Gritam, os insanos,
— ataquem o jardim!

ARES DE REVOLUÇÃO

há ares de revolução
por toda a parte.
Uma brisa chaga do mar
trazendo ecos de sonhos sepultados.
Os naufragos continuam lá,
Sob as ondas do esquecimento,
Eles aguardam serem resgatados.
há ares de mudança que partem de dentro,
de uma área desconhecida de mim,
Instância negligenciada,
às vezes pareço ser outra.
insegurança quanto a quem sou,
ao existir,
ao sentido de estar aqui, assim,
tornada verbo.
Abdiquei das certezas.
Viajo como uma carta endereçada
ao futuro.

Planando entre haveres absurdos e
devires inusitados.

Há palmeira Juçara, sabiá-laranjeira,

Saíra apunhalada,

Imbuia, angico,

Jacu, tatu, paca, araucária,

pau-brasil.

a Mata Atlântica vive dentro de mim.

o tempo de escuridão e silêncios,

estão registrados na memória.

mas, na gira de Gaia relembro,

que existo há gerações,

que não estou só!

Na dança eu renasço,

vislumbro o sublime,

o corpo experimenta ocupar

novos espaços,

a mente alimenta a alegria.

Há ares de evolução.

NASCER DE NOVO

quando deixamos de ser massa informe,
célula-ovo impertinente e diaspórica,
a matéria fez-se TERREMOTO.

Das profundezas do desconhecido
emanou forças que produziram
nova vida no ventre de uma mulher.

Inchaços, formigamentos,
de repente corações batiam juntos.
tecidos conjuntivos, pés, mãos,
pequenos olhos,
o aconchego e a quentura
do líquido amniótico.

O ser chega ao mundo contra vontade,
Chora, se rebela.

Há quem contra vontade viva,
Sentindo-se solto e só.
Mas o beija-flor pode chegar,
possuindo o jardim,

fazendo lembrar que somos
receptáculos de eventos
possuidores de saberes que nos precedem
E que continuarão depois
Da última respiração.

Eis o mistério dessa trama chamada
VIDA.

É preciso a língua da magia,
Encanto, arte, dança, poesia,
Não apenas para sentir-se vivo,
mas, para nascer de novo.

TERREIRO-MUNDO

A bisa Otília, que nasceu livre.

senhor do bomfim,
meu pai,
salve!
no terreiro-mundo
negro ilumina:
 acorda dormentes,
 alegra,
 cura doentes
com seu tambor.
os ventos da África
são perfumados, meu pai.
melodia inaudita ressoa
fazendo brotar as sementes.
o griô encanta a palavra
guardada na cabaça.
recordo, então,
que a África está aqui,

dentro de mim, inteira:
mãe e filha.

no terreiro acontecem
milagres:

ferida é sarada,
feitiço é desfeito,
memória ancestral
restaurada.

tambor-vida, vibração:
é fogo!

tambor de mina!

axé, meu pai!

rolam os búzios.

saías criam cirandas vivas,
brancas e coloridas,
enfeitam e dão o tom da gira,
são flores no jardim de oxum.
silêncio respeitoso:

nanã descansa

no terreiro-mundo.

Negro e negra é rei e rainha!

sou filha de Iemanjá.

é chegado o tempo
da partilha
do canto,

da diversidade.
faz justiça, Xangô, senhor dos raios,
desperta o bicho aprisionado,
(no homem)
paralisado pelo horror.
salve!
Salve senhor do bomfim,
meu pai!

TODOS SOMOS TERRA

“Vamos pegar as palavras do inimigo
que estão potentes e vamos enfraque-
cê-las”.

(Nego Bispo)

A mercantilização do mundo
Alimenta a desesperança,
Degrada a psicosfera,
Torna os pensamentos turvos.
O tempo cronometrado se lança,
Dentes afiados, sobre os ritmos naturais.
A ambivalência dificulta o entendimento
Da vida.
A racionalidade equivocada produz
Irracionalidades, ela está cega para o devir.
A civilização forjada A FERRO E A FOGO
É barbárie anunciada.
Os deuses se tornaram doenças,
A tecnociência conquistou o sacrário,

Personalidades abstratas e delirantes dirigem
os futuros do planeta.
As técnicas de adestramento proliferam.
Preciso da revolta para mover a força do meu
dentro,
Para transformar as armas de ataque dos maus
Em estratégias de defesa.
“A sociedade se faz com os iguais,
A comunidade se faz com os diversos”,
Disse Negro Bispo.
Criar é dialogar
É se permitir tocar pelo encontro.
Há sabedoria na pedra, na terra,
há filosófica no canto do sabiá,
É tempo de resgatar a identidade primeira:
TODOS SOMOS TERRA,
TODOS SOMOS COSMOS.

É NATURAL QUE AS SEPULTURAS SE ABRAM?

é natural que as sepulturas se abram,
e que delas saiam,
para ocupar postos nobres da vida,
seres apodrecidos?
não, a carne deve ser transformada
pela terra.
as covas devem ser lugares
de formação,
devem ser sementeiras
para o novo ser,
sem distinção.
A terra acolherá vis e santos.

A RESPOSTA DE CALIBÃ

Um menino pés no chão,
Com fome.
Um menino íntegro,
com roupas puídas,
Rico em beleza de criança.
– pobrezinho, esse menino!
– é prestativo, carrega as compras
Para o patrão, por uns trocadinhos.
Os feirantes lhe dão
As sobras, o amassado, o não vendido.
– olha, não é aquele menino
para quem um dia dei roupas usadas?
– está crescendo, já pode capinar terrenos baldios.
O menino cresceu,
Rico em beleza da juventude.
Ele tramou em segredo o seu amanhecer,
Cultivou sonhos como quem cultivava um jardim.
Ousou imaginar um futuro diferente,

Do seu jeito,
Longe das faltas e das censuras.
Trabalhava, observava, estudava,
Aprendia.
Não foi fácil.
Dentro de si crescia uma floresta,
Um beija-flor polinizava suas esperanças.
Sua mãe o ajudou.
– Cuida, filho, que você pode chegar
Onde quiser, longe das mesquinhas do mundo.
– Vai, filho, persista, seja você, não desista!
As marcas do preconceito foram obstáculos
vencidos.
Lutou contra o mundo.
Não foi fácil, foi muito difícil.
Em todo canto ele incomodava:
 – Volte para a feira!
Mas o colibri acercava seus pensamentos,
era como se ele se tornasse o pássaro,
e se elevasse acima das injustiças e dos preconceitos.
O jovem tornou-se um homem.
Rico em beleza de homem:
Gentil, honrado, aguerrido,
— Filho de Xangô —

Seu sonho materializou uma casa para sua mãe,
Tramou vontade com resiliência.
Cuidou das irmãs,
Se apaixonou, amou,
descobriu que a vida não era apenas
dor e espanto.
Plantou um jardim.
Continuou estudando,
não por obrigação, mas por amor ao saber,
pelo sabor do descobrir:
Sentiu e aprendeu.
Seu coração continuava menino,
Ele tocava o chão com carinho, mas,
a imaginação transportava-o
para tocar as estrelas.

CANÇÃO PARA SANDINO

Dedicado a Francisco de Asís Fernández Arellano.

Vamos construir um canal que una Nicarágua
e Brasil,

Para podermos trocar experiências e afetos.

Acordar com cantigas de liberdade nos lábios,

Compartilhar nossas histórias de resistência.

Vamos escrever poesias que mostrem como
conseguimos vencer

Golpistas, paramilitares e milicianos,

depois, vamos colocar flores sobre os túmulos
dos mortos que amamos.

As moças vão abrir as janelas das casas e o sol
vai penetrar suas carnes perfumadas.

Os moços vão recitar “Lo fatal” sabendo

De onde vieram e para onde se encaminham.

Olharemos para o futuro com esperança,

confiantes no poder das nossas obras no presente.
Vamos comer *gallo pinto* com mamão picadinho,
beber suco de laranja espremido na hora,
e quando cair a tarde em tons de azul, lilás e rosa,
tomar café produzido nas montanhas capixabas.
Vamos comer e sorrir, pois a alegria e o ali-
mento

será acessível para todas as criaturas.

Faremos roda de amigos à noite, sem preocu-
pações maiores,
recitaremos Ernesto Cardenal, viajando galá-
xias em Canto Cósmico.

Vamos caminhar de mãos dadas, cegos de so-
nhos e loucos de harmonia.

A lei será a mais doce: amar quem o coração
escolher.

Andaremos pelas ruas de Granada e de Vitória,
depois,

passaremos por León, Masaya e chegaremos a
Reserva Ambiental Reluz,
para sermos iluminados pelas estrelas mais bri-
lhantes.

ESSA É A REVOLUÇÃO QUE DESEJA-
MOS.

NOSSA AMÉRICA

o busto do poeta não é o seu túmulo.

josé Martí, fantasma da esperança,
homem de voz veludosa e mãos ásperas,
morreu enxergando a aura da liberdade.
ele percebeu a cegueira do *homo mercantil*.
incitou à luta com as armas do discernimento,
resistiu nas trincheiras de ideias.
“os povos que não se conhecem devem
ter pressa em se conhecer, pois precisarão
lutar juntos”.
o orgulho, faz do homem um construtor de
pedestais,
buscador dos lugares mais altos,
para esse ser, de húmus feito, o heroísmo na paz
parece menos honroso.
os oprimidos possuem causa comum,
tombam, mas não morrem.

homens e mulheres morreram
por defenderem uma causa:
PAULO CESAR VINHA,
IRMÃ DOROTHY,
BERTA CÁCERES,
IRMÃ CLEUSA CAROLINA RODY,
DOM PHILIPS,
BRUNO PEREIRA,
pusemos flores nos seus túmulos?
poremos pedras sobre as suas memórias?

PLANTADO NO SILÊNCIO

Para Ernesto Cardenal, poeta maior.

Plantado no silencio
de *uma pequena ilha*,
Dormita o corpo do poeta.
À deriva, seguimos,
sempre há perigo, — estamos sujeitos
ao naufrágio, ao afogamento.
Mas existe uma ilha, pedaço de terra
Firme e ansiada — Vitória-Cocibolca —,
Onde podemos recomeçar a contagem do
tempo.
Fomos “descobertos”
fazendo amor sob a palmeira.
fomos “descobertos” nus, radiantes,
sem pudores e nem vergonha.
tínhamos a proteção
da mata atlântica intacta,

um rio doce antigo,
veios d'água serpenteavam
livres, livres, livres.
Hoje, há emboscadas.
Em cada esquina, o impensável.
Duros, corações bambolem por pinguelas,
caem em armadilhas,
pisamos como quem pisa sobre o nada.
A finitude nem sempre nos assombrou.
Eu odiava os crisântemos,
Seu cheiro de morte me nauseava.
eu odiava a morte.
O tempo apaziguou esse meu dentro e já não
odeio
nem os crisântemos e nem a morte.
Do luto, à luta:
Cultivo um jardim selvagem:
Pitangueiras, ipês, quaresmeiras,
Bromélias, cabriúvas.
Os pássaros e os macacos-prego-de-crista
Produzem o canto mais bonito.
Cada semente acorda no seu momento.
Planto sementes de poesia para que o mundo
não se torne o busto enferrujado
de um herói esquecido.

Cuido das árvores para tornar a vida mística,
Quero quebrar, abalar
esse tempo de (in)certezas.
Cada um de nós é uma pequena ilha
No centro de um grande lago.
Não importa o beijo, se do Pacífico ou do
Atlântico,
Importa o amor que faz a vida possível,
Importa a boca que nos toca
Quebrando o isolamento,
No subterrâneo, onde dormita o poeta-semente,
Não há paz, há revolta.
As sombras esperam que dobremos as esquinas.
Estamos atentos, conscientes de que o território
Recusa a colonização!

A SERPENTE QUE DANÇA

O homem precisa de uma referência no mundo.
Um pedaço de terra onde plante os pés,
Um sonho que faça nascer um jardim na cabeça,
Um amor para que não se perca ensimesmado.
O homem precisa de uma ilha-mãe,
de acolhida e paz.
Deitei-me sob o jequitibá,
fechei os olhos,
escutei ecos de um tempo ancestral.
Os antepassados contaram
sobre danças, alianças e guerras,
e de como plantaram uma floresta às orelhas
do mar.
Senti um aperto no peito.
Os irmãos originários permanecem
Cuidando da terra e resistindo ao apagamento.
Nossa gente ancestral continua fazendo valer
A Lei da vida.

A morte como nos ensinaram é uma mentira,
A vida, como nos orientaram, um acúmulo
De enganos.

O certo é que não há o que conquistar
Além do território das nossas próprias almas,
não existe demônio a domesticar
além do da ganância.

Viveremos em cada grão de areia
desse nosso-lugar-no-mundo e
RENASCEREMOS pelas mãos amorosas
De Gaia,
mais vívidos e sábios.

Posso deitar-me às margens de um igarapé
e ter os mesmos sonhos de paz
de quem se deita às margens do Ganges.
Posso perder-me com a languidez do corpo
brilhante
da serpente que dança,
Quetzalcoatl e Boiúna se irmanam em força e
poder.

Um fio de ouro liga astecas e amazônicos.
Sabedora da minha origem,
Posso andar em qualquer lugar, pois,
jamais serei estrangeira
para mim mesma.

ATO POÉTICO

Diaspórica,
em transe,
A palavra caminha,
mundo à fora formando
versos-garatuja
tramando fios de sonhos.
Estarreço.
Será real a beleza desse
Organismo de palavras
vivas e pulsantes,
conduzido pelo tempo?
Corpus Azul, cristalino,
como o sonho mais delirante.
Poesia é fluxo,
Vereda por onde o dizer,
experimenta, vibra e descansa,
rompe silêncios.
O poeta não é o centro

de nenhuma ciranda,
apenas um ponto,
um nada multiplicado e,
Milagrosamente, tornado complexo
pela natureza.
A boca está adocicada
Pela palavra beijo,
não busco respostas,
sigo, somente,
atada a diversos afetos,
liberta pelos laços infinitos
do amor.

APENAS UMA MULHER

A Wangari Mathaai.

Plantar árvores,
Restaurar nascentes,
Trazer de volta a vida.
Sonho inquietante,
Aparentemente impossível.
Apenas uma mulher, — diziam,
Como uma mulher ousa sonhar?
Acha que pode restaurar o chão corroído?
Forças opositoras quiseram silenciá-la.
Foi presa, difamada,
tornou-se *persona non grata*.
Salvou-a o apoio das irmãs,
Tecelãs de redes luminescentes
A ajudaram a cumprir a missão,
A fortaleceram.
Olhares sínicos não compreendiam
A resiliência radical.

Obstinada e grávida de utopia
Plantou muitas árvores,
Restaurou nascentes,
E o seu canto trouxe de volta
Os animais.
As mudas se transformaram
Em árvores frondosas,
Raízes profundas,
vieram as flores, os frutos.
As águas dos lençóis freáticos
Ascenderam à superfície como
Lágrimas de alegria.
Pessoas que partiram sem esperança
Retornaram ao lar,
A vida seguiu um curso diferente.
Tudo isso, graças a uma mulher,
Apenas uma mulher.

O REINO DOS CLONES

era uma vez uma árvore:
raiz, tronco, folhas,
quase tudo nela era igual às árvores
da floresta-mãe.
multiplicada aos milhares,
essa árvore inventada
crescia rápido,
para logo ser cortada.
ao seu redor, nada.
nada de pássaros, formigas e nem de cigarras,
o beija-flor não frequentava esse ajuntamento
delirante.
ao invés de biodiversidade,
um silêncio sepulcral.
floresta de mentira,
estéril e triste.
ocupou lugares onde antes havia
ipês, jacarandás, xaxins, quaresmeiras,

orquídeas e milhares de animais.
REINO DE CLONES,
deserto verde.

para alguns, o fruto doce do lucro.
para as comunidades, dor e revolta.

a resistência no território é contínua,
filhos e filhas da Floresta-mãe
permanecem firmes
tecendo um FUTURO ANCESTRAL.
Aguardam a volta do beija-flor,
E trabalham para que se instaure
um tempo de regeneração.

MEMÓRIA E HONRA

As mulheres da comunidade quilombola do Degredo

as mulheres da comunidade quilombola
do Degredo
resistem as florestas clone,
defendem tradições ancestrais,
reinventam o existir.
as mulheres da comunidade quilombola
do degredo acordam
bem cedinho,
saúdam o céu e reverenciam a terra
na luta diária pela vida.
elas tecem no agora,
as redes do amanhã.
são mulheres que teimam,
não desistem de lutar.
as mulheres da comunidade quilombola

do Degredo
resistem com seus cabelos trançados
e colares coloridos de missangas mágicas.

CARBONO-PALAVRA

a floresta resiste a destruição e à morte,
captura o carbono-palavra
sem perder a amorosidade.
a poesia parte de um vazio existencial
profundo e denso como as florestas.
os poetas conhecem esse vazio que se perde.
vozes d'África e da América Latina ecoam
e vão se juntar ao verde selvagem:
folhas, troncos, flores e raízes entram pelos olhos,
atingem tudo o que há.
a floresta é polifônica e diversa,
a fauna e a flora se comunicam
com os seres invisíveis,
a bússola aponta para o sul,
de onde se erguem vozes insurretas.
estou na margem do mundo,
sinto e sei que estou
onde deveria estar.

QUANDO CHEGARAM

quando chegaram
os colonizadores,
desejavam possuir a terra.
singraram as águas sonhando
com o paraíso.
chegaram famintos e febris,
febre do corpo, febre do ouro.
fedorentos, sonhavam com a nobreza:
duque,
marquês,
conde,
visconde,
barão e as
honras d'el rei.
chamaram os habitantes e donos da terra
de índios, incultos, sem fé.
Beberam dos poços sagrados das mulheres,
Seu idioma, a violência,

produziram uma fratura na história.
Institucionalizaram, na terra dos tupiniquins,
a caça, o tráfico, a exploração.
Quando chegaram os colonizadores,
Viram o rio de águas cristalinas,
Nada sabiam sobre a terra e os costumes.
A natureza ofertava saúde,
Sono reparador em rede,
Fumo, frutas, canto dos pássaros.
Mas, nada extinguiu o desejo de lucro.
Levaram frutos do bem viver,
Implantaram o terror.
trouxeram homens e mulheres da África,
Para viveram sob o jugo da escravidão.
O tempo não apaga os vestígios dessa barbárie,
Não está esquecido e nem perdoado,
Há que se amplificar os ecos da resistência
Dos povos explorados.
Há que se construir um futuro diferente,
ANTICOLONIAL.

OFÍCIOS

*“o pior preconceito é a descrença, é não levar em
consideração a produção estética de uma mulher”
(nélida piñon)*

LILIAN É MARISQUEIRA,
ANA, BORDADEIRA,
CARMÉLIA, CRONISTA,
JEANNE, JORNALISTA,
TEREZINHA MARIA, MÃE DE TRÊS.
LUCIENE É ARQUIVISTA,
EDNA, ADVOGADA,
CLARA É DIARISTA,
SIMONE, PUBLICITÁRIA,
LUIZA, ESTUDANTE,
JUDITH, POLÍTICA,
STELA É PROFESSORA,
DILMA, PRESIDENTA.
FLORBELA, POETISA,
ANDRESSA, PIANISTA,

FREDA, MOSAICISTA,
ESTER, DOUTORA (EM LETRAS),
EUZANETE, MÉDICA,
CECÍLIA É MOTOQUEIRA,
MARGARETE, COZINHEIRA,
MARÍLIA, BARISTA,
CAMILA, MOTORISTA,
CAROLINA, ESTETICISTA,
PENHA, COSTUREIRA,
CARMEM, PADEIRA E SALGADEIRA,
ALICE, JUÍZA,
BRUNA, DESEMBARGADORA,
VANESSA, CABELEIREIRA.
MARIA LÚCIA, GATEIRA,
ZILMA, MECÂNICA,
TATYANA, DENTISTA,
GEOVANA, PSICÓLOGA,
PAULA, PROGRAMADORA,
CLARICE, PILOTA AVIÕES,
EDUARDA, ELETRICISTA,
RENATA, BORDADEIRA E FLORESTEIRA,
KARINA, ESCRITORA E ABELHEIRA,
TODAS AS MENINAS, CRIADORAS DE
SONHOS POSSÍVEIS.

BANHO DE FLORESTA

respira fundo...
fecha os olhos,
sente o perfume das árvores ao redor.
na floresta não há uniformidade,
há parceria e colaboração.
na floresta a cadeia natural da vida,
com seus movimentos de nascimento e de morte,
é mestra.
pau-brasil, ipê amarelo,
capixingui, cedro, chinchá.
Araucária, Palmito-juçara,
Jequitibá-Rosa, Jacarandá,
respira fundo...
abra os olhos e caminha.
a mata atlântica desenha corredores
de rara beleza.
Há bromélias, orquídeas,
Manacá da serra.

flores do pau-formiga e dos angicos
brancos e vermelhos...
Da floresta-mãe, a Mata Atlântica,
se acercam colibris, abelhas e morcegos.
Por esse corredor de vida
Transita a maior variedade de fauna
do planeta.

respira...

A VIDA É TÊNEU E TENAZ

tempo não é dinheiro,
é vida,
respiração,
força e vontade
que fazem girar o mundo.
tempo é mistério que se revela
na face,
no convívio consigo e com o outro.
a morte não avisa,
chega de surpresa durante o espetáculo,
não se pode cochilar durante a peça.
o teatro da existência exige compromisso.
o pirilampo acende a sua luz,
a luminescência encanta,
a vida é tênue e tenaz,
como o pequeno inseto.

a qualquer hora as cortinas podem se fechar
e a luz do pequeno inseto desaparecer.
é preciso contar os dias
com fogo nos olhos e água na alma.

ANTES QUE PARTAMOS

Para Luiz, meu companheiro, meu amor.

Antes que partamos
sussurro:
te amo!
antes que neblina cubra
olhos e memória do que fomos
declaro-te o meu amor.
conheces o trabalho silencioso
dos nossos dias,
as palavras importam, sim, embora
não conFIEMOS tanto nelas.
(re)afirmo,
te amo!
o tempo nos arrasta e não enxergamos,
nossos 32 anos caminhando de mãos dadas.

a morte espreita,
ela cumpre o seu papel,
não é boa, não é má, apenas é
por mais que queiramos negá-la.
nossos livros, gatos, as árvores que cultivamos,
nosso pé de caqui,
as plantas, os sonhos,
nada disso morre,
tenho certeza!
Tudo nosso se eterniza
Mágica e divinamente,
permanecerá de forma virtual
em algum lugar,
como uma digital na memória de tempo.
descansa, amor,
um dia partiremos,
mas, morrer, isso não,
somos eternos.

RASGAR O CÉU

A luz deveria rasgar amorosamente o céu,
Mas não,
Ela penetra a matéria úmida das nuvens
Dilacerando densas camadas de ar,
Desafiando o espaço-tempo.
As nuvens parecem leves,
Mas pesam como o chumbo.
Brilhantes, elas se lançam sobre tudo o que há.
Por vezes chovem seu pesar,
Fazem com que memórias
nebulosas pousem sobre mim.
A lembrança desse nosso tempo
Romperá as nuvens de chumbo
Como uma luz e fará com que
Nos orgulhemos da luta pelo bem comum,
Pelo direito de viver do homem e do animal,
Repito, os maus, os egoístas, os gananciosos
Serão esquecidos.

As novas gerações cantarão aliviadas.
Precisamos nos orgulhar de cada conquista,
por mais miúda,
derramar amor,
acolher as pessoas.
Recolher os gatos e os cachorros de rua
E dar a eles um lugar quentinho para dormir.
O sol beija um girassol na janela,
Um beija-flor irrompe o espaço e beija a flor,
Estamos na floresta-mundo.
A urucu capixaba trabalha para produzir
Mel verde.
É como se eu despertasse.
A realidade tem
componentes do sonho.

ESCURO

Escuro,
parece que o vazio
espreita tudo o que somos.
O amanhã, fio de vida, já não me parece
Parte do novelo do ontem,
onde estão as flores,
as fontes e os livros que escrevi?
você ri enquanto desfaz
as tranças que enfeitam
a minha cabeça.
seu coração deseja me aureolar,
mas a alegria é uma construção
solitária e particular.
sonhei concretamente!
mãos febris construíram,
pintaram, bordaram, criaram
tapeçarias de recusa do fim.
plantei árvores e flores,

acalentei crianças que
não saíram das minhas entranhas,
seres pequenos, perfeitos, fortes e frágeis.
amei os filhos e as filhas do mundo
como se fossem meus.

Os cabelos brancos têm me ensinado que
A vida é entrega, é deixar ir os rancores,
É perdoar.

A lei da felicidade é gratuidade.

PRECE

deus,
sem rosto,
sem classe,
sem nome.
deus,
implodo.
meu corpo
se dobra,
pequeno,
deformado,
folha lisa,
fibra.
deus,
sem rosto,
sem classe,
sem nome,
tudo-nada,
explosão,

mira o fundo:
implodo
salva
o que for possível
de mim.

SER POETA

não quero falar do nada,
nem cantar o vazio.
a semente não germinada
faz meditar.
um dia um raio partiu do sol,
atravessou o meu coração.
um dia o sol cortou-me ao meio.
senti o amor
desejei mais
ansiei o inimaginável.
olhei do chão para as estrelas,
chamei-as de irmãs,
tudo se fez claridade.
ao tempo fora do tempo
chamei poesia.
O universo que conhecemos
Acabará com um cataclismo
Para logo recomeçar
Com um beijo.

POESIA É MINISTÉRIO

sob a abóbada chumbo
evoco o impronunciável.
deixei de ser eu,
dissolvida pela própria vontade.
os pés tocam o chão,
as mãos recolhem
os frutos da terra.
um fogo diferente e edificante
incendeia o coração, os pulmões,
mas não os consome.
ao redor, estranhas luzes
brilhantes,
fenômenos aéreos:
flocos de esperança.
o corpo é possuído
pelo prana.
a poesia evangeliza
para além, muito além.

a conversão é estranha,
silenciosa, reconhecida
pelas entranhas.
cantam os órgãos do corpo,
o que era estilhaço
se recompõe,
assim como ressurgiram
os homens
do vale dos ossos.
a abóboda muda de cor,
o mundo continua girando
 imprevisível e belicoso,
Mesmo assim, crio espaços
de amor estendido e sussurro
inimagináveis:
palavras-selo,
palavras-chave,
palavras-caminhos.
revelo a minha devoção,
poesia é ministério.

A PAZ

*“Uma só pétala resume auroras e pontilhismos,
sugere estâncias, diz que te amam, beijai a rosa,”
(Carlos Drummond de Andrade).*

a paz que busco está guardada
no botão de uma rosa.
não sei onde está plantada a flor,
se já nasceu, se desabrochou,
ainda não sei.
Mas é certo que
quando ela se revelar,
contraditória, entre espinhos,
exalando vermelho e transgressão,
tudo irá mudar!

A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER

*Pelo fim do genocídio em Gaza e pelo
reconhecimento do Estado Palestino.
Pela paz que se realiza na diversidade
e no direito fundamental de existir de
todas as criaturas.*

o poema viu crianças mortas,
o verbo emudeceu,
as letras sangraram,
as rosas dos poemários
minguaram e morreram.
A lua foi encoberta,
nuvens-chumbo pairam sobre
corpos incendiados.
A violência do deus da morte e dos anjos
revela-se expressa pelo furor da guerra.
A pele das palavras sangra,
Não sabemos o que perdemos!

Como perdoar os crimes da guerra?
A nauseada flor, pálida e feia,
Desfolha-se frente aos olhos
Inertes do mundo.
O poema viu a face da dor.
A guerra não tem rosto
De mulher.
Na trincheira, não se canta,
 não se alimenta,
 não se pronuncia palavras
 de amor,
No entanto, é permitido
Sonhar com tudo isso.
As balas não têm doçura,
Elas parte de canos de armas
Financiadas por pessoas
Que dizem promover a paz.
Não há pão, não há...

.....

A guerra não tem rosto
de mulher.
O ser famélico não sorri,
A humanidade sucumbe
E sente-se vergonha da ética
Dos tigres e dos tubarões.

O poema viu o poeta ser alvejado
na faixa de gaza junto
com seus irmãos e irmãs.
Viu a terra arrasada,
Enquanto deslizava
No precipício do silêncio.

O BEIJO

*Dedicado a mestra e amiga
Freda Cavalcanti Jardim.*

Boca bizantinas,
corpos nus,
Entrega e gozo:
O beijo.
Tesselas de ouro
Eternizaram o momento.
Rostos aurelados reluziam,
— *Opus tessellartum.*
Teodora etérea.

O *frag* denuncia a
Solidão radical do ser de húmus.
Forjado na fúria do desejo,
Pode ser apaziguado pelo amor.
Ontologicamente feito

Para o encontro,
É errante,
Herói sem causa.
Anseia superar o transitório,
Vislumbrar o eterno
Na multiplicidade da matéria.
A beleza se realiza quando
Conjuga formas, sons, texturas.
Alcança o Todo na plenitude
do abraço,
completo como
A noite estrelada de mármore translúcido
Do Mausoléu de Galla Placidia.
O ser de húmus almeja a dissolução,
— *la Petite mort*—.
Cataclismo é prelúdio.

No fim da jornada,
Reinício,
O renascimento:
Opus musivum.

RENATA BOMFIM E
A REVOLUÇÃO DOS COLIBRIS

Renata Bomfim é, essencialmente, poeta e ativista ambiental. Neste seu mais recente livro de poemas, *A Revolução dos Colibris*, isso fica evidenciado a partir da dedicatória “aos povos originários, quilombolas e comunidades tradicionais, pela luta e resistência”. Renata não é poeta de devaneios ou de serenatas à luta; suas palavras são armas e a sua poesia é literal luta. Inquieta, busca a origem do universo e da criação citando Ernesto Cardenal (1925-2020), o grande poeta nicaraguense, que tão bem soube compreender e transformar em versos as dores dos povos sofredores da latinoamérica; “E quem somos? Terá o Universo uma alma? Seríamos nós essa alma?” Esse é o dilema do poeta latino-americano: buscar a “alma do universo”

em seu povo, como o fizeram Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Cecília Meireles, Rubén Dario, Ferreira Gullar. A poeta sabe que, no princípio, o todo era o Caos. De uma grande explosão, nasceram as estrelas e, nesse despertar, nasceu um pequenino planeta azul, “como se saído de um sonho”. O planeta se tornou o primeiro mosaico, nascendo GAIA das explosões, que teve no sol o seu amante, partícipe na criação da vida. “Gaia passou a gestar a si mesma: Núcleo, manto, magma pastoso e quente, crosta. Calor, erupções, tremores. Penetrada por raios solares”, E assim, amalgamando mitos cosmogônicos e escatológicos, histórias e ciência, Renata vai recriando a história do nosso planeta, elaborando em versos o “cataclismo telúrico”, a “vida manifestada”, “o nascimento do amor”, o “mundo dos deuses” até chegar ao “Manifesto”, quando o propósito de sua poesia é explicitado: “Nada mais escandalizante que a beleza. Nada mais combatido que o amor. Nada mais forte que a revolta, alimento das revoluções. O colibri miúdo e brilhante afronta a ordem vigente, incendeia espíritos insurretos: faz a sua parte. O homem se diz

“civilizado”, mas esqueceu do seu parentesco com os colibris. Abaixo os métodos simplistas, insensatos e brutais de produção. É tempo de regeneração, Do resgate das tecnologias do mundo natural. É tempo de amores. Voltemos a tomar conselhos com as árvores e com homens e mulheres da floresta”.

Aprendemos com a poeta que “O amor precede a palavra”, “Sob a cidade jaz uma floresta” e a “Máquina de guerra” se opõe à “Insanidade”. Revolucionário é “Nascer de novo”, pois “A vida é tênue e tenaz”. Seu canto de guerra retoma as vozes do poeta e herói cubano José Martí para que a Nossa América se una, meta sempre buscada, contra os que a oprimem, e assim sua poesia eclode em manifesto, citando vozes que morreram por esse ideal: “O busto do poeta não é o seu túmulo. José Martí, fantasma da esperança, Homem de voz veludosa e mãos ásperas, morreu enxergando a aura da liberdade. Ele percebeu a cegueira do homo mercantil. Incitou à luta com as armas do discernimento, resistiu nas trincheiras de ideias. “Os povos que não se conhecem devem ter pressa em se conhecer, pois precisarão

lutar juntos”. O orgulho faz do homem um construtor de pedestais, Buscam para si o lugar mais alto, Para ele o heroísmo na paz parece menos honroso. Os oprimidos possuem causa comum. Tombam, mas não morrem. Muitos entre nós deram a vida por uma causa: paulo cesar vinha, irmã dorothy, berta cáceres, irmã cleusa carolina rody, dom philips, bruno pereira, pusemos flores nos seus túmulos? poremos pedras sobre as suas memórias?”

Vitória, quase primavera de 2025.
Francisco Aurelio Ribeiro

COSMOGONIAS E
CONSTELAÇÕES NA POÉTICA
DE RENATA BOMFIM

Mergulhar na história humana, compreendê-la como um mistério passível de múltiplas cosmogonias, tecer fios que evocam a narrativa da origem, costurando o tempo em bordados de experiência e pertencimento. A busca pela compreensão do início do mundo nos leva ao reencontro, em espírito, com a pedra fundamental do tempo. De acordo com Mircea Eliade (2010), não se trata de uma mera explicação sobre a natureza, mas de uma narrativa viva, capaz de moldar a experiência coletiva, revelando-se por meio de duas formas principais: a visão cíclica, em que o cosmos renasce incessantemente, reverberando o ritmo das antigas sociedades agrícolas; e a visão linear,

pela qual o universo dispõe de um início e de um fim únicos, marcados pela temporalidade histórica, bem como pelas tradições judaico-cristãs. Mircea Eliade nos lembra, também, que tais narrativas expressam a dualidade própria da existência — o jogo entre a criação e a destruição, a luz e as trevas, o sagrado e o profano, a vida e a morte — extremidades que, quando reconciliadas, conduzem ao estado de *coincidentia oppositorum*, que remete à união dos opostos, em que o ser humano transcende as separações e se reencontra, em unidade, com o divino. Em *A Revolução dos Colibris*, Renata Bomfim perpassa as tensões e polaridades vitais existentes desde que o mundo é mundo, reunindo diversos mitos originários, expansivos da teoria e que agregam a multiplicidade das vozes e dos modelos. Os poemas deste livro nascem dessa linhagem, transcendendo a fronteira das cosmogonias situadas e indo além, em sua própria cosmogonia-caleidoscópio. Através de uma lírica repleta de simbolismo, Renata escreve, em seus livres versos, acerca de uma miríade de temas que gritam sua voz-poeta a denunciar a crueldade

das guerras; e a constatar a impotência da arte perante as mesmas. A Terra, feminina, é autogestante e detém a capacidade de se regenerar, contrapondo-se ao “ser de húmus”, de ação bélica, destruidora e dual, uma vez que é ele quem cria e, ao mesmo tempo, corrompe. É no amor, em corpo e espírito, que a poética feminina de Renata Bomfim alcança a redenção. Este pulsar lírico e múltiplo reverbera o conceito de constelações de Walter Benjamin. Em seu ensaio Nápoles (1925), escrito com Asja Lacis, a cidade se revela espaço poroso, onde fronteiras se desfazem e a vida transita livremente entre o público e o íntimo, o sagrado e o profano, o eterno e o efêmero. A constelação não é caminho linear nem síntese acabada, mas um mosaico de fragmentos que se acendem uns aos outros, iluminando-se e criando novos sentidos (Benjamin, 1984) para a leitura da História. Desta forma, cada poema de A Revolução dos Colibris é uma estrela solitária que, unida às outras, uma a uma, forma um céu repleto de imagens e sentidos. Nos versos de Renata habitam diversas mitologias: o ovo egípcio, o caos, as águas mesopotâmicas, a pa-

lavra criadora bíblica, os cantos ameríndios, as danças africanas. Associadas a elas, emerge o hermetismo da linguagem científica— das partículas subatômicas, dos ecossistemas, das sinapses — hermetismo este que ressoa como transcrição, que não anula mas transforma e ressignifica o mito (Latour, 1994), afirmando-o em hibridez perante o cenário contemporâneo. Ordem e caos, luz e sombra caminham juntas, numa Terra que renasce diante de seus cataclismos. Tal paradoxo apresenta-se como essência do humano; como em Benjamin, a história pulsa em lampejos de perigo e redenção. Em *A Revolução dos Colibris*, há um convite ao leitor: reencontrar-se na constelação dos mitos, da ancestralidade e das memórias originárias, estabelecendo novos pactos de convivência com Gaia.

Andressa Zoi Nathanailidis

Realização



Apoio



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO



MAR
PRODUÇÕES GRÁFICAS

Instituto Reluz

